

Notícias da Quinta
Coordenação da Professora Isabel Franco
Junho 2023

“O 25 DE ABRIL ”



... ANTES E



DEPOIS ...

- Para uns foi uma mudança para uma vida melhor!
- Para outros foi necessário regressar de África de mãos vazias!
- Em cada acontecimento da HISTÓRIA há sempre MUITAS HISTÓRAS por contar!
- Num globo ou no “Google Maps”, podemos ver todos os pontos da Terra, mas quando nos aproximamos é que nos apercebemos da realidade de UM ponto, uma zona, bairro, cidade, uma terra, um país. Cada pessoa tem a sua história da HISTÓRIA.

2º semestre

SUPLEMENTO Nº6 A HISTÓRIA E AS LETRAS

O suplemento anterior intitulado *Matemática e Letras* dá agora lugar à *História e às Letras*

CARTAS E ENTREVISTAS AOS AVÓS

Em exposição nos Blocos A e B da escola



OS REPÓRTERES DA HISTÓRIA

Alunos da Prof. Ana Paula Ramalho Oliveira



CARTAS



ENTREVISTAS

Vou contar a história de vida do meu avô,
contada por ele.

O meu avô nasceu numa aldeia em Trás-os-Montes e ficou lá a viver em criança, sempre a ajudar o seu pai que era agricultor, só que não fazia muito dinheiro.

Um dia, os meus bisavós, junto com o meu avô, decidiram emigrara para Angola, em busca de melhores condições de vida (o meu avô tinha 11 anos). Quando chegaram, começaram logo a trabalhar durante vários anos e, passados alguns anos, o meu avô criou a sua primeira loja. Dessas lojas surgiram mais 12, e foi assim que o meu avô enriqueceu muito e trabalhando muito.

Depois de vários anos teve o meu pai e o meu tio, mas quando tudo estava bem ocorreu o 25 de abril, que por para muitos foi bom, mas para ele não: nessa altura o meu pai e o meu tio estavam com a minha avó na aldeia que eu falei. No momento do 25 de abril o meu avô e alguns familiares tiveram de fugir para a África do Sul, pois os Angolanos estavam a matar toda a gente que fosse branca. Nesses ataques morreu una tia nossa, e passado alguns meses sem notícias do meu avô ele chegou a Portugal sem nada (!), pois teve de largar tudo e ele não tinha dinheiro europeu, só tinha

dinheiro angolano, ou seja, ele ficou sem nada, até forrou a sua casa na aldeia com o dinheiro de Angola.

Como não conseguia arranjar trabalho foi para Lisboa, onde foi muito difícil arranjar qualquer trabalho, pois ele era considerado Angolano, já que viveu lá mais de 30 anos.

Então, depois de muito esforço ele, a minha avó, o meu pai e o meu tio, que eram os dois bebés, ficaram a viver no restaurante. Tinham de trabalhar das 6h00da manhã às 2h00 da manhã. Foi isso que eles fizeram durante alguns anos, até ao dia em que a minha avó não aguentou mais, e disse ao meu avô que ia embora com os seus filhos, que naquela altura tinham seis a sete anos. Ela foi-se embora e começou a vender roupa de senhora na praça, e depois de um mês o meu avô apercebeu-se que também não aguentava mais trabalhar ali e foi trabalhar com a minha avó, só que ele não podia vender roupa de senhora. Ambos passaram a vender sapatos e fizeram muito sucesso: havia dias em que faturavam o equivalente a 500 euros, mas outros em que não faturavam 50, e depois de muito trabalho, com todos os fins de semana, com o meu pai e o meu tio a ajudar, e os dias da semana a trabalhar só eles os dois, eles conseguiram comprara uma vivenda

cá em Benfica, onde agora vive o meu avô, já que a minha avó morreu, e ele continua a trabalhar em várias praças a vender sapatos só por diversão, pois no fim de tudo o que ele gosta mesmo é o comércio.

E é por isto que sempre que eu falo do 25 de abril, ele fala sempre mal, já que ele sempre adorou Angola e teve de se ir embora de lá por causa do 25 de abril.

David Silva, 9.º ano

Entrevista a um Ex-Combatente (O meu Avô)

EU: Como eram as vossas condições na guerra?

AVÔ: Os soldados construíam casernas (aquartelamento militar) próprias improvisadas, por isso havia algumas casas melhores que outras, mas não se passava assim tão mal: havia alguns soldados com melhores condições que outros, eu era condutor por isso dormia sempre na minha caserna. Alguns colegas dormiam na mata, a ver se não apareciam os chamados terroristas (soldados dos governos locais).

EU: Como eram as condições dos povos africanos?

AVÔ: Eles viviam muito precariamente em casotas de barro, com tetos de palha, numas pequenas aldeias chamadas sanzalas; eu fui muitas vezes com um grupo, que incluía um enfermeiro, para

assistir pessoas com mais necessidade, quer seja com medicamentos ou tratamentos a ferimentos.

EU: Quais foram alguns bons e maus momentos na guerra?

AVÔ: Tive alguns momentos bons com os meus colegas: jogávamos à bola, jogávamos às cartas, fazia-se churrascos, fazia-se festas nos aniversários dos outros colegas e outras coisas que mostravam espírito de camaradagem. Porém, 15 dias antes de voltar a Portugal caímos numa emboscada: eu ia no primeiro carro, dos 3 da coluna (de carros), íamos levar o médico a um grupo que estava a abrir estradas e, depois do médico ver os doentes, de regresso, o capitão daquele grupo quis voltar connosco. Pedi ao médico para ir no carro dele, para não apanhar pó, no começo da coluna (de carros). Estando os 3 carros em movimento, o médico pediu passagem, e não esperou por nós como devia, então tive de parar, já que não via a estrada, pois passou muito depressa. Quando chegou ao topo de um vale, sozinho, os terroristas metralharam-no, e mandaram uma bazuca para o carro, que ficou completamente desfeito, a arder, os corpos ficaram carbonizados, nós estávamos escondidos na margem direita do vale. Eles tentaram atingir os carros, mas falharam o alvo, pois atingiram a orla errada. Ficámos parados pois a mata era densa, não viam ninguém, e só foram até aos corpos uma hora depois quando chegou ajuda e os terroristas se foram embora.

Este foi o único momento digamos “pior” que eu tive.

EU: O que é que sentiste quando soubeste que ias para a guerra?

AVÔ: Senti um grande vazio de tristeza, ao despedir-me da minha família. Depois, com o passar do tempo, habituei-me à ideia, pois achava que ia fazer uma descoberta constante, ao passar por vários lugares novos e conhecer novos amigos, que ainda hoje se encontram num almoço anual com alguns amigos da guerra, com o propósito de relembrar alguns momentos antigos e conviver uns com os outros, e brincar : é que uns estão mais barrigudos que os outros!

EU: Tiveste algum receio de morrer no tempo em que estavas na guerra?

AVÔ: Na realidade não tive medo até aos 15 últimos dias, que foi depois de ter caído na emboscada, pois nunca vi nenhum colega meu cair numa mina, e nunca tinha ouvido um tiro até à emboscada, mesmo estando a substituir um colega que teve a perna muito ferida devido a uma mina. Não tive medo, nos primeiros 3 meses, que estive numa zona com mais minas (no leste de Angola), nunca saí muito do quartel, por isso nunca corri o risco de pisar uma mina.

EU: Como é que foi a tua reação, e a da tua família ao reencontrarem-se depois de 2 anos?

AVÔ: Ainda me lembro que vim num Boeing 737; e estavam lá os meus pais e os meus irmãos à minha espera. Foi uma grande felicidade e uma grande festa, mas o resto do dia fiquei a descansar em casa, coisa que não podia fazer há muito tempo.

Miguel Horta, 9.º ano

